

MARCAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS DO PATRIARCALISMO NO CONTO ANDINO-PERUANO "EL DÍA EN QUE LAS MUJERES DESAPARECIERON"

Viviane Antunes

Elda Firmo Braga

Aristóteles (...) quando escreve a sua política fala que existe um tipo de vida, que é das mulheres, a dos escravos, e dos animais que pertencem ao mesmo lugar, devem ficar num mesmo lugar, que é o da casa (...). Essa associação entre mulheres, escravos e animais, é mais do que simbólica, é mais do que imaginária, ela é concreta, ela é uma tática para sustentar, como se fosse natural, um tipo de serviço. (TIBURI, 2018)

1. Em busca de caminhos decoloniais

A presente proposta tem como *corpus* o conto andino-peruano "El día en que las mujeres desaparecieron", de autoria coletiva, originado na tradição oral. O fundamento teórico-metodológico deste trabalho é a linha decolonial (WALSH, 2012), na qual se concebem a construção do conhecimento, ações sociopolíticas e econômicas alinhadas à equanimidade de condições de vida, de divulgação de saberes, de valorização e cuidado com as especificidades identitárias que nos singularizam. Estes elementos, como sabemos, ainda se encontram condicionados pela dicotomia raça/etnia e urge que deixem de sê-lo (QUIJANO, 2014).

Para Walsh (2015), não se decoloniza mantendo os moldes de controle verticais, que assolam a grande maioria dos povos: "Lo decolonial no viene desde arriba, sino desde abajo" (p.8). É, portanto, fruto das comunidades, da coletividade. Precisa vir dos anseios dos que estão à margem, para que possibilidades justas de convivência social possam reconfigurar estruturas e quebrar máculas coloniais tais como o racismo, a exploração da natureza, a desvalorização do corpo negro, o rechaço e mitificação das culturas negra e indígena, a busca exacerbada por acumulação de dinheiro, a necessidade acrítica de poder e o patriarcalismo, tema central deste texto.

A decolonialidade, segundo a autora, trata-se de um processo em construção, responsável por reelaborar formas de convívio social, orientadas por novas perspectivas. Pressupõe uma ruptura severa com pontos de partida

que pouco têm a ver com nossa forma de conceber o mundo e que mantêm dependências, sofrimentos, preconceitos e a força da cultura dominante.

É preciso que caiam por terra as vendas que relegam nossa cultura, nossa identidade ao desconhecimento, à falta de pertencimento. Quijano (2014, p.289) entende que o trabalho, os recursos de produção, a reprodução da espécie, o sexo, o conhecimento, a autoridade são instâncias de poder eurocentradas. Um movimento efetivamente decolonial teria que reestruturá-las por completo.

Valorizamos nesta discussão a abordagem interculturalista crítica, tendo em vista que o modelo social vigente (WALSH, 2015) é excludente, racista, machista, desconsidera a heterogeneidade e reproduz práticas que reforçam a desigualdade em seu sentido mais amplo e, silenciosamente, a colonialidade.

Argumentaré que la educación intercultural en sí sólo tendrá significación, impacto y valor cuando esté asumida de manera crítica, como acto pedagógico-político que procura intervenir en la refundación de la sociedad (WALSH, 2009, p.2)

Cabe aos representantes desta abordagem pensar em vias de transformação social que não estejam fundadas na globalização neoliberal, muito menos nas concepções ocidentais que não nos representam ou desvalorizam nossos saberes originários. Sob a ótica de Mignolo (2008), um giro intercultural pressupõe um giro epistemológico, ou seja, possibilita um diálogo efetivo entre o mundo cosmológico não ocidental e o ocidental no âmbito do pluriversalismo.

Tal posicionamento traria à luz o quanto de submissão sofreu/sofre a cosmologia não ocidental diante da cultura dominante. Mais adiante veremos que, em ambas as cosmologias, a situação da mulher é fadada à inferiorização e ainda é pauta à espera... à longa espera de mudança.

2. Da despatriarcalização à decolonização... um trajeto imprescindível?

O posicionamento da ativista e escritora boliviana Maria Galindo nos revela algo imprescindível a uma convivência de cunho decolonial: não se pode decolonizar sem despatriarcalizar. A autora defende a ideia de que o patriarcalismo é anterior à conquista da América, portanto seria uma ideologia compartilhada e imposta tanto pelo colonizador quanto pelos colonizados: "(...) el conquistador y el conquistado comparten una misma jerarquía fundada sobre la subordinación de las mujeres indígenas. (GALINDO, 2014, p.116)".

Nesta linha de raciocínio, como poderíamos desenvolver o processo de decolonização de mentes, culturas, currículos... se não colocarmos em pauta que, nascer mulher significa ser vista e tratada como inferior em diversas situações, esteja esta inserida ou não em um contexto ocidental? Para García-Celay e Navarro (2002), o patriarcado se configura como uma estrutura social,

de cunho hierárquico, composto de ideologias, práticas, símbolos... e, neste, o gênero feminino é oprimido e anulado pelo masculino.

As veias do patriarcado são tão intrínsecas à sociedade que, tornando-se invisível pela cultura dominante através de pequenos apetrechos (cores de vestimentas, acessórios, escolhas profissionais, anúncios publicitários...), transforma-se em algo quase intangível. Cabe a nós desnudá-lo, trazê-lo à consciência, para que possamos destituí-lo.

Una gran mayoría de varones y demasiadas mujeres siguen contribuyendo de manera consciente o inconsciente al mantenimiento del sistema patriarcal. Y el primer mecanismo que utilizan unos y otras es el de negación u ocultación de la realidad, el mecanismo del silencio, de la invisibilidad, de no llamar a las cosas por su nombre, "lo que no se nombra no existe". ¿Quién ha oído alguna vez la palabra patriarcado en la televisión? Otros minimizan el fenómeno y sus efectos: "no es para tanto", "ya sabemos que hay machismo, pero 'inventarse' una nueva palabra y darle tanta trascendencia es una exageración". (GARCÍA-CELAY; NAVARRO, 2002, p.3)

Ainda seguindo esse viés, convém dizer que o patriarcado é muito mais consolidado que o machismo. O patriarcado não se resume a uma atitude ou conduta, embora possa ser coletiva, como o machismo; para além disso, é um sistema conceitual, legal, econômico, institucional que dá base a ocorrências do machismo e o legitima, como podemos observar na seguinte declaração da filósofa Marcia Tiburi:

O patriarcado (...) é um sistema de privilégio masculinista, capitalista – porque se aproveita da força de trabalho do outro, do corpo do outro e oprime, submete, violenta. E, para que tudo isso funcione, também precisa humilhar, precisa subjugar... é a velha dialética do senhor e do escravo. No caso das mulheres é a dialética do senhor e da escrava. (TIBURI, 2018)

Quando as autoras deste artigo pensam em rotas de engajamento discursivo e social a partir da educação, ancoradas no eixo das culturas e literaturas hispânicas e da língua espanhola, destacam a despatriarcalização como algo essencial ao seu trabalho. Tal fato se justifica, pois é algo que toca profundamente a questão identitária, a alteridade e o processo dialógico, fundamentais às atividades discursivas, tanto em termos de compreensão ou como produção, em todas as etapas de Ensino.

Ao estudarmos algumas especificidades das comunidades indígenas, fazemos menção novamente a Galindo (2014, p.119), já que "...el trabajo doméstico servil gratuito e invisible (...) está a servicio de los hombres y no de la comunidad y (...) está atrapado en una trama de servidumbre que la conviene en inquilina y no en directa participante." A anulação da mulher, a desvalorização de seu corpo, de sua inteligência, perspicácia, a submissão diluída física e verbalmente, prejudicam o projeto da decolonialidade, processo que demanda drástica e total revisão dessas práticas no ambiente familiar, nas ruas, nas escolas, nas demais instituições públicas e privadas...

Neste sentido, nosso estudo se volta para a ordem estabelecida própria da ação e do discurso masculino, por um lado, e, por outro, para a reação feminina que rompe com o ciclo histórico de violenta dominação. Essa transgressão possibilita uma profunda desestabilização do poder patriarcal, revigorando a imprescindibilidade do respeito e da equanimidade da relação entre os homens e as mulheres no conto em apreciação.

3. O patriarcalismo nas malhas da constituição discursiva de "*El día en que las mujeres desaparecieron*": uma apreciação

O espaço de *El día en que las mujeres desaparecieron* é constituído por variados marcadores locativos e referências geográficas que auxiliam o desenvolvimento do enredo. Há menções à Salcantay, a Mollepata, à natureza, de uma forma geral, que contextualizam as ações realizadas pelos personagens. No entanto, não encontramos referências explícitas acerca do tempo histórico em que suas essas ocorrem.

Nos dois primeiros parágrafos do conto, já encontramos descrições bem definidas do lugar cujo ambiente servirá de cenário para o desenvolver da narrativa:

Casitas blancas con techo de paja rodean la única plaza de Mollepata.

Al frente, la iglesia de alto campanario. A los costados, la casa comunal y la escuelita primaria. En medio de un bosquecito de eucaliptos, el antiguo cementerio. Más allá, rodeando al pueblo, las chacras de papas listas para la cosecha.

A sequência descritiva fundamenta o início do conto, restrito é o uso de verbos. Entretanto, algo que se modifica em outras etapas da produção. Essa modificação tem relação com o posicionamento crítico base do texto: quando o homem determina as atividades da mulher e esta surge no conto, traz consigo a quantidade de tarefas que lhe é imputada. Assim, os verbos aparecem para dar forma às ações e a sequência narrativa toma força.

La vida empieza muy temprano en Mollepata. Las mujeres, antes de salir al campo a pastar las ovejas,

preparan la carne seca y las habas que sus maridos han de llevar a la chacra. El humo que sale de las casas, oloroso a romero, hace olvidar cualquier mal sueño de la víspera. Todo está en orden en el pueblo. Todos —y todas— ocupan su lugar.

O fragmento "Todo está en orden en el pueblo. Todos —y todas— ocupan su lugar" destaca a existência de lugares predeterminados socialmente para as mulheres e, também, é um índice de que elas trabalham e exercem seu papel, experienciando sua prisão na sociedade patriarcal. Tudo está em ordem, porque elas seguem as regras de quem as domina. Todos ocupam devidamente, dentro da ideologia dominante patriarcal, o seu lugar.

Neste sentido, o trabalho dissipa o "mal sonho" ou "o pesadelo", isto é, a rotina pesada interrompe a reflexão e o diálogo das mulheres ao longo do dia. Ela tem de trabalhar, mas na invisibilidade, à sombra do dominador. O trabalho doméstico é invisibilizado, banalizado é a sua obrigação. Porém, pelo menos, durante o sono, a cela da referida prisão era aberta e novas possibilidades eram vivenciadas. Possibilidades completamente diferentes da dinâmica do mundo assolador que lhes fora apresentado, construído e imposto.

O HOMEM	A MULHER
<ul style="list-style-type: none">• Pensa• Organiza as tarefas• Determina o que deve ser feito• Sai de casa para trabalhar• Cansa-se por ter trabalhado• Ressalta e impõe a importância de suas ações	<ul style="list-style-type: none">• Ouve• Presta atenção• Obedece ao seu marido• Executa as tarefas em casa• Não se cansa, apenas realizou sua obrigação• Assiste e sofre à invisibilização de suas ações

Figura 1. Dicotomias da dinâmica patriarcal em "El día en que las mujeres desaparecieron"

O narrador de *El día en que las mujeres desaparecieron* se constrói na terceira pessoa do singular. Não participa efetivamente e tampouco é onisciente, pois não sabe antecipadamente o que aconteceu com as mulheres do povoado. Somente consegue descrever e narrar o que vê, fazendo do leitor um companheiro em suas descobertas. O narrador dá voz aos personagens para que possam relatar seus anseios e aflições. Em nossa concepção, a narrativa está composta de cinco movimentos:



Figura 2. Movimentos na narrativa

Nestes movimentos, a narrativa apresenta um tom mais poético nas intervenções do narrador e há uma visível diferença entre a sua fala e a dos personagens. Aquele utiliza uma linguagem mais normativa e também poética que contrasta com a utilizada pelos personagens, que dialogam com uma linguagem mais próxima da coloquialidade.

A voz da mulher, quando aparece, indica e reforça submissão. Muitas vezes é ampliada pelo uso de formas no diminutivo, por repetições e endossada, insistentemente, por formas imperativas recorrentes na fala de seus maridos:

Voz masculina	Voz feminina
-Habías de salir pronto a cuidar las ovejas, ¿ah? Con la wawa más, pues. Apura, pues, apura.	- ¡Sí, sí, ahorita voy!
-Y a tiempo has de llevar mi merienda, ¿ah?... ¡No vayas a demorar, no vayas a demorar!	-Sí, Julián, sí.
-Y a los varoncitos has de mandar a su escuela.	-Sí, sí, ahorita, ahorita...

Figura 3. Contraste sobre a voz feminina e masculina

No que se refere ao perfil físico e psicológico dos personagens, ressaltamos que: Julián, o marido, cujas ações revelam dados efetivos de patriarcalismo no povoado, é deveras autoritário e egoísta; Lucía sofre as máculas da assimetria e a força da submissão, ela sofre, portanto, uma objetificação da ideologia patriarcal; já a anciã configura-se como um contraponto entre o autoritarismo masculino e a submissão feminina. Os personagens secundários são os demais "hombres de corazón duro" e suas esposas; a montanha Salcantay; animais; e crianças que, em um enquadramento patriarcal, não têm voz. O cuidado com elas é uma das diversas responsabilidades da mulher.

As marcas do papel social imposto à mulher, em contraposição à atribuição de chefia e colheita destinadas ao homem, vêm acompanhadas de verbos de ação, visto que é tratada e vive num processo análogo a escravização. Vejamos: "atender a los niños", "cuidar los animales", "mandar [a los hijos a la] escuela", "salir al campo a pastar las ovejas", "cocinar, prepara[r]

la carne seca y las habas [para sus] maridos", "recoger leña", "hilar", "sembrar", "cultivar", entre outros afazeres.

Quando tais ações deixaram de ser feitas, os homens não conseguiram dar conta e construíram formas de culpabilização da mulher pelo caos instaurado, inclusive pela morte do filho: "¡Ay, ay, se murió mi wawito!... ¡Pobrecito mi hijito!... ¡Su madre no había estado para curarle!... ¡Ay, ay, ay!... ¡Taitico se quedó sin madre!... ¡Angelito!...".

É importante recuperar também a situação da anciã, pois, na visão dos homens, estava pedindo água por acharem que ela não tinha um marido e, caso não tivesse, também seria culpa sua. Afinal, na perspectiva patriarcal, a mulher é culpada quando não consegue ter ou "segurar" o seu marido: "¿Quién eres, pues, tú, vieja?... Estoy trabajando, ¿no ves?... Ya, vete, vete, no molestes... ¡Para pedir sí sirves!... Vete, vete, ¿acaso no tienes marido que te mantenga?".

As vias do texto literário permitem as transgressões de papel. A anciã, geralmente considerada, no universo indígena, como símbolo de sabedoria, do conselho, da paciência, da resiliência e da longevidade, abre portas para um posicionamento reflexivo sobre a condição feminina em Mollepata. Possibilita uma mudança frente à pauta assoladora da ideologia patriarcal.

O *status quo* se inverte e o sepultamento do valor da mulher naquele entorno social dá lugar à liberdade, rompendo com o eixo da dominação. No novo contexto em que passarão a viver, despatriarcalizador por essência, promovem a partilha, a ajuda mútua, o cuidado com os idosos... algo que não vivenciavam com seus maridos e na relação com os outros homens do povoado.

O protagonismo das mulheres é assumido e seu empoderamento é visibilizado por todos. Não há lugar no conto para que os meninos cresçam e se tornem seus dominadores, por isso, não os levaram:

Todas las mujeres del pueblo desaparecieron. Las madres cargando a sus hijas. Las abuelas de la mano de sus nietas. Jóvenes ni ancianas, ninguna quedó. Se perdieron en la oscuridad del camino que sale del valle hacia el gran Salcantay.

A natureza não é figurativa, tem força poética. Quando as mulheres se foram, brilhou o sol da liberdade. A escuridão, que corroia aos poucos as forças das mulheres, passou a acompanhar os homens. A terra secou, porque a fecundidade emanada pela mulher em tudo o que faz e representa já não está presente em Mollepata: "Un sol esplendoroso brilló más temprano que nunca. Sin embargo, el aire estaba espeso, como si el viento se hubiera detenido y la tierra se hubiera secado repentinamente."

Agora, num processo forçado de ver o lugar do outro, os homens sentem falta da força das mulheres, da dedicação feminina à sua família e ao seu lar.

Tentam assumir as tarefas determinadas às mulheres e não são capazes de fazê-lo. Eles não sofrem efetivamente pela perda de suas esposas, senão pela ausência de um objeto de "cama e mesa", fundamental à manutenção da "ordem" do povoado.

Os homens passam a viver em função das necessidades física e afetiva dos filhos, por uma questão de sobrevivência. Tentam acalmar crianças que praticamente não conhecem. Sentem na pele e nos ouvidos como as obrigações da mulher eram trabalhosas e cansativas. No entanto, a força do patriarcalismo é tão grande em sua trajetória que não refletem sobre esta questão, apenas atribuem às mulheres o caos instaurado, pois a polivalência exigida jamais seria alcançada por eles, os dominadores.

Cumprir dar relevo à diluição de uma pretensa fronteira – comumente vislumbrada desde os espaços ocidentalizados, entre fatos "ordinários" e "extraordinários". Nos universos onde existe, ainda hoje, uma tradição cultural preservada, ancorada em raízes mais ancestrais, muito do que conhecemos como "fronteira" não existe. Desta forma, não há divisão entre "natural" e "sobrenatural", uma vez que ambos estão incluídos numa mesma categoria, na noção de "natural".

Nesta linha de raciocínio, a anciã, que não era do povoado, surgiu, lançou uma maldição aos homens por tê-la tratado tão mal e se foi de maneira misteriosa. Sua visita desestabiliza a "ordem estabelecida" do povoado. Ela não respeita o autoritarismo masculino. Com isso, não segue o comando dos homens para parar de pedir água e insiste. Após sua partida, mulheres de todas as idades conseguiram, em uma ação coletiva, durante a noite, desaparecer sem deixar nenhum rastro ou pista sobre que caminho elas tomaram ou para onde foram.

Após o desaparecimento das mulheres, a vida dos homens se tornou um verdadeiro pesadelo, uma vez que, comparados ao esforço exercido por suas esposas, não conseguiam realizar nem 10% do total das tarefas que a elas eram atribuídas. Eles passaram a sofrer com perturbações oníricas e ouviam as vozes exigentes da anciã e de Apu Salcantay.

(...) creen escuchar a una anciana que les habla con dureza.

(...) oyen otra voz, la voz antigua del Apu Salcantay, señor del gran cerro nevado, que les pide un pago a la tierra para borrar la maldición. Una ofrenda de respeto.

Em termos da relação entre a escolha dos constituintes, os sentidos e o contexto apresentado, chamou-nos a atenção uma polissemia manifestada no último enunciado do conto: "Una ofrenda de respeto.". Podemos pensar que "respeito", aqui, poderia remeter, por um lado, a uma oferenda requintada, com coisas suntuosas e variadas. Por outro, poderia aludir à forma

desrespeitosa que os homens tratavam as suas mulheres, portanto, "respeito" como um exercício que os homens deveriam praticar para serem perdoados, pelo fato de considerar as suas mulheres como seres inferiores, submetê-las a um regime servil, enfim, por não dar o devido valor que suas companheiras mereciam.

4. A modo de conclusão

O impacto do patriarcalismo na vida das mulheres – temática vislumbrada neste conto – abrange uma enorme faixa de tempos e espaços diferentes. Durante muitos séculos, mulheres dos mais variadas regiões e sociedades, vêm sendo, reiteradamente, vítimas de opressão.

Percebemos uma distinção entre graus, tons e intensidades, mas não podemos negar que existem, ainda hoje, manifestações patriarcais em todos os recantos do planeta terra, tal percepção nos leva a acreditar que o mundo ainda é patriarcal. Sendo assim, de muitos lugares podemos ter notícia de homens atuando no sentido de oprimir as mulheres e, ao mesmo tempo, de manter com "unhas e dentes" uma pretensa "superioridade", que acreditam ser um privilégio inquestionável. Da mesma forma, também mantém estruturas de poder intactas, impedindo a diversidade de representações.

Na narrativa em apreciação, as mulheres não possuem voz e nem vez, o pouco que se expressam verbalmente é para responder um "sí" a uma ordem dada por seus maridos, acompanhado de um "ahorita", termo indicativo da preocupação em atender rapidamente ao mandado recebido.

No início da narrativa em estudo, vemos que o espaço descrito possui uma igreja e uma escola primária. Essas informações nos levam a uma contextualização mínima do tempo, podemos remeter a um momento posterior da conquista espanhola da América. No entanto, não encontramos dados no conto que possam indicar em que século, ou mesmo década, a história tem relação. Poderia ser em qualquer época colonial ou mesmo após a independência do Peru. Por outra parte, não podemos deixar de lembrar que a literatura indígena é fortemente oral e, desta forma, vem sendo passada de século em século de uma geração para a outra.

Esta imprecisão temporal nos leva a pensar em uma possível continuidade histórica dentro do âmbito da opressão vivenciada pela indígena. Pouco ou nada mudou para esta mulher no decorrer do tempo. Uma prova deste fato pode ser encontrada no documentário "La Escuela del Silencio", produzido pela Unicef em conjunto com a embaixada do Canadá no Peru: "Se trata de un audiovisual que muestra los diversos obstáculos que encuentran la niñas y adolescentes que asisten a los colegios de las áreas urbano marginales y rurales para culminar sus estudios de primaria y secundaria." (UNICEF, 2014).

O documentário retrata a vida de meninas indígenas, dos Andes peruanos, que não conseguem frequentar uma escola. Como não podem estudar, terão menos chances de encontrar um emprego, pois não poderiam: "incorporarse en mejores condiciones al mercado laboral y romper con la

cadena de pobreza que arrastran sus familias de generación en generación." (UNICEF, 2014). E, com isso, uma possível independência financeira se anula por completo. Portanto, seu único destino será se casar cedo, ter filhos, cuidar do marido, da família, das tarefas domésticas e agrícolas, entre outros. Sendo assim, é muito improvável que consigam romper com o ciclo histórico de servidão aos homens. *Y todo seguirá en orden en el pueblo...*

5. Referências bibliográficas

- GALINDO, María. *No se puede descolonizar sin despatriarcalizar*. Teoría y propuesta de la despatriarcalización. La Paz, Bolivia: Mujeres Creando, 2014.
- GARCÍA-CELAY, M^a Luisa Montero; NAVARRO, Mariano Nieto. *El patriarcado: una estructura invisible*. Documentos sobre masculinidades, feminismo y género, 2002.
- MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder y clasificación social*. Buenos Aires, Clacso, 2014.
- RADIALISTA.COM. *El día en que las mujeres desaparecieron*. Disponível em: <http://radialistas.net/article/el-dia-en-que-las-mujeres-desaparecieron>. Acesso em junho-2017.
- TV 247. *Entrevista com Marcia Tiburi - Filósofa, escritora e professora*. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J_5EltY6e_w
- UNICEF. *Documental evidencia las dificultades que viven las niñas en las escuelas rurales y urbano marginales del Perú*. Disponível em: https://www.unicef.org/peru/spanish/media_26884.htm
- WALSH, Catherine. *Interculturalidad crítica y educación intercultural*. Seminario "Interculturalidad y Educación Intercultural", Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz. 2009.
- WALSH, Catherine. *Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: Apuestas (des)de el in-surgir, re-existir y re-vivir*. 2015. Disponível em: <http://www.antropologias.org/rpc/files/downloads/2010/09/Catherine-Walsh-Interculturalidad-cr%C3%ADtica-y-pedagog%C3%ADa-de-colonial.pdf>. Acesso: fev. 2018.
- WALSH, Catherine. *Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas*. Visão Global, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012.